

# NOVAS OPORTUNIDADES DE EXPORTAÇÕES PARA A CHINA

Guilherme Amorim\*

Recentemente a aduana chinesa conferiu a seis mercadorias brasileiras acesso ao mercado local. Em abril, foi autorizada a entrada de pescados, exceto aqueles de cultivo. Em maio, foi chancelado o ingresso de carne de peru, carne de pato, miúdos de frango, farelo de amendoim e de um subproduto de milho obtido na produção de etanol (DDG<sup>1</sup>). A maioria desses itens tem produção relevante no Paraná e razoáveis perspectivas de encontrar importadores chineses.

O processamento e a exportação de carne de peru estão concentrados no sul do País. O Paraná exportou 13,6 mil toneladas do produto em 2024, volume equivalente a 22,6% das vendas brasileiras ao exterior, para 39 destinos. Quatro países foram responsáveis por 77,6% da quantidade demandada dessa mercadoria: México (34,8%), Chile (17,4%), África do Sul (15,4%) e Peru (10,0%). Sob várias formas, a China importou 2.488 toneladas de carne de peru em 2024, principalmente através de Hong Kong. Uma vez que os Estados Unidos atenderam 61,8% dessa demanda e o comércio entre os dois países atravessa período acrimonioso, é natural que se procure novos fornecedores.

A produção paranaense ganhou dinamismo a partir de 2021, quando foram abatidas 75.206 aves<sup>2</sup>. O segmento tem crescido desde então: no ano seguinte foram 954.510 perus; em 2023, 2.111.528 e, em 2024, o abate alcançou 2.429.950 dessas aves. Seus custos de produção são significativamente mais elevados do que os da criação de frangos de corte, mas os preços têm, via de regra, compensado o processo. O índice de conversão alimentar do peru (quantidade de ração necessária para a geração de um quilo de carne) é superior ao do frango e o tempo necessário para o seu abate também é maior (entre 112 e 126 dias, ante 42 e 49 dias). O valor da mercadoria exportada, contudo, apresenta diferença de 38,5% em favor da carne de peru.

Outra mercadoria que tende a ganhar mercado é o de miudezas de frango. A entrada dessas mercadorias provenientes do Brasil já é franqueada pela alfândega chinesa, sob algumas formas. O acordo prevê a ampliação dos tipos de miudezas que adentrarão o mercado. No ano passado, o Paraná exportou esses produtos para 131 diferentes territórios, em volume que atingiu 1,16 milhão de toneladas. Uma vez que o Estado responde pelo maior número de frangos abatidos (34,4% nos doze meses terminados em março)<sup>3</sup> e pela maior quantidade de carne de frango exportada pelo País (42,4% em 2024)<sup>4</sup>, é possível que a China ganhe maior relevância na absorção dessas carnes. Ainda no tocante à hodierna abertura para produtos de origem animal, o Paraná não possui abate comercial de patos. O processamento brasileiro dessa carne está concentrado em Santa Catarina.

A distensão alfandegária prevê a entrada de dois produtos de origem vegetal, mormente empregados na alimentação animal. As perspectivas de exportação de farelo de amendoim são restritas, uma vez que presentemente o Paraná é responsável por apenas 0,7% da produção nacional desse grão<sup>5</sup>. O potencial de exportação de DDG é muito maior, dado que o Estado dispõe da segunda maior quantidade produzida de milho do País. Em 2025, a estimativa é de que contribuirá com 11,6% da safra de verão e de 15,7% da safra de inverno. A produção total prevista para o Paraná é de 19,6 milhões de toneladas. Mais importante para o caso em questão é a expansão do processamento de etanol à base de milho.

<sup>1</sup> Dried Distillers Grains.

<sup>2</sup> Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - Plataforma de Gestão Agropecuária/Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Informação Federal.

<sup>3</sup> Pesquisa Trimestral do Abate de Animais.

<sup>4</sup> MDIC - SECEX. Considerada a posição 0207 do Sistema Harmonizado.

<sup>5</sup> IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

\* Economista, técnico permanente desta publicação.

Há uma planta de geração de etanol derivado de milho em operação no Paraná, localizada em Jandaia do Sul, onde se aproveita DDG comercialmente. Há outra em implantação, no município de Campo Mourão, a ser inaugurada até o final de 2026, na qual se prevê a produção de 510 toneladas de DDG diariamente. Ambas as usinas são de propriedade de cooperativas.

A ampliação do mercado chinês através desses produtos é diminuta quando comparada com os volumes de soja e carnes negociados. Não pode, entretanto, ser desprezada em cenário de instabilidade no comércio internacional e de frequentes medidas protecionistas nos grandes mercados consumidores de alimentos.